

NO LAR SEM COROA

O TEMPO INVADIDO, A INFORMAÇÃO RAREFEITA (ESTUDO DA RELAÇÃO DAS EMPREGADAS DOMÉSTICAS COM A INFORMAÇÃO E A LEITURA)

*Marta Pinheiro Aun*¹

Examina como a informação se insere na vida das empregadas domésticas, sindicalizadas ou não. É verificada a forma como essas mulheres trabalhadoras se apropriam, ou não, destas informações para vencer o bloqueio da submissão. É analisado o acesso à informação através da leitura e de outros diferentes canais e a possibilidade deste acesso ser inibido por fatores, tais como opressão, gênero e exclusão social.

Dentre as camadas dominadas brasileiras, um dos setores profissionais que mais tem sido marginalizado, em todos os aspectos sociais, é o das empregadas domésticas. Estudos relevantes e de consolidado prestígio têm-se preocupado com a mulher operária. O cansaço sempre presente em sua vida, a dupla jornada de trabalho, as péssimas condições ambientais das fábricas, a fome, a doença, o desamparo. O que se observa, no entanto, é uma carência de pesquisas que façam emergir este grupo pobre e numeroso que, segun-

1 Professora da Escola de Biblioteconomia da UFMG.

do SAFFIOTI (1978), é o maior contingente (30% da força de trabalho feminina) que qualquer outra profissão feminina: o grupo formado pelas empregadas domésticas do nosso país.

São mulheres com encantamento pela vida que, apesar de não "terem estudo", como elas mesmas dizem, têm uma capacidade treinada e aperfeiçoada por anos de trabalho, iniciados na infância, de gerenciar lares em atividades repetitivas e diversificadas. Cozinham, arrumam, lavam, passam, fazem faxina, trabalhos de jardinagem, cuidam de crianças, levam e buscam na escola, fazem compras, pagam contas, são companhia, às vezes enfermeiras e servem de analistas para muitas patroas, ouvindo-lhes os problemas, sugerindo viver melhor. São gerentes-malabaristas; coordenam o espaço, dividem tarefas e ainda sobra tempo para "bater pernas" e dançar.

Passei então na minha pesquisa a observar, comparar tantos elementos que compõem o modo de vida e a dinâmica social destas mulheres trabalhadoras, atores que desempenham papéis de produção e reprodução e que apresentam características que as diferenciam substancialmente da operária e de outras classes profissionais, que vivem periféricamente, nas bordas de uma sociedade no que se refere aos direitos, e movem o centro da engrenagem social quando se refere a deveres e trabalho. Como as outras classes trabalhadoras, estão inseridas no mercado formal, não especializado, devendo ser objeto de estudo bastante interessante dentro da área informacional.

A informação era o meu ponto de partida, estas mulheres trabalhadoras o meu alvo, e diferenciar como a informação permeia e se insere na vida delas, tornou-se o meu objetivo.

Selecionei para a minha pesquisa somente domésticas que tinham por característica dormirem no emprego e serem alfabetizadas.

Dormir no emprego eliminaria, em princípio, a dupla jornada de trabalho e estabeleceria um contato sistemático das domésticas com um espaço de trabalho definido pelos padrões de famílias de classe média e alta que possibilitaria sua convivência diária com as mais diferentes fontes de informação: livros, revistas, jornais, rádio, televisão, vídeo, telefone, computadores, fax.

Considerando este recorte opcional como dado relevante, o problema então colocado é o que fundamenta a escolha do meu tema: por que, tendo acesso aos mais diversos canais informacionais, a empregada doméstica não se apropria das informações que estes canais transmitem, vencendo assim o bloqueio da subordinação so-

cial e o seu sentimento de exclusão, para construir sua própria identidade como mulher e cidadã?

O principal objetivo foi o de identificar o tipo de necessidade de informação das empregadas domésticas e o seu nível de interesse pela leitura. Foi verificado se existe hábito de leitura no grupo pesquisado e se consegue buscar informação que atenda às suas necessidades. O tema comportou uma análise do sentimento de exclusão social como fator possivelmente inibidor da conscientização das necessidades de leitura e busca de informações. Outro objetivo que norteou este trabalho foi o de verificar o nível de interferência da família-empregadora quanto ao acesso das empregadas domésticas aos canais de informação e, no caso de terem este acesso, serem alfabetizadas e tendo tempo disponível para a leitura, se elas teriam interesse e curiosidade, fechando assim o ciclo de características mínimas exigidas a um leitor potencial segundo estabelecido por HATT (1976).

A partir da delimitação do tema, leituras e observações, estabeleceu-se a metodologia. Qual seria a melhor maneira de chegar perto deste grupo ao mesmo tempo tão próximo e tão distante, que habita a nossa casa e vaga por nossas famílias como um fantasma necessário e tantas vezes indesejado. Que razões de ordem teórica me norteariam para que o aflorar dos sentimentos não mascarasse o conteúdo real? A ajuda da Psicologia Social, Sociologia, Ciências Políticas, aliadas à Ciência da Informação efetivamente contribuíram para um maior esclarecimento e compreensão do problema da necessidade real de informação da mulher doméstica, gênero subordinado e tantas vezes excluído socialmente.

Este trabalho pretendeu ser uma fonte alternativa à documentação oficial, onde as empregadas só aparecem em altas cifras no que diz respeito à baixa escolaridade, falta de especialização e onde, mesmo aparecendo em grande número (700.000 empregadas registradas em Minas Gerais e 380.000 registradas em Belo Horizonte) não despertam o interesse da sociedade, do Estado e muitas vezes nem o da família empregadora, para quem mais do que trabalham, servem.

Empiricamente, a reflexão sobre o tema conduziu-me à duas hipóteses:

- a) Mesmo estando expostas a um denso e variado volume de informações, as empregadas domésticas não têm atendidas as suas necessidades de informação.

- b) As empregadas domésticas, tendo atributos que qualificam um leitor-potencial, não se tornam leitor-efetivo devido ao sentimento de subordinação feminina introjetado através da exclusão social que sofrem.

A princípio não me pareceu que seriam hipóteses contrariáveis, talvez um estudo sobre o óbvio pois, para muitos autores, pesquisar países periféricos e seus diferentes e complicados momentos sociais é penetrar porta adentro na obviedade. Como disse SADER (1988), é pesquisar uma passividade, um conformismo. uma incapacidade de universalização dos objetivos onde se “cristaliza uma imagem de classe incapaz de ação autônoma”.

Na busca de um referencial teórico percebi que nem a literatura se deu conta destas mulheres trabalhadoras. Há carência de textos que as identifiquem.

Migrantes rurais perderam suas referências culturais na cidade. Sem mecanismos de representação – “tenho vergonha de falar que sou doméstica” (Ivanir), – alienadas e massificadas pelos meios de comunicação e o habitar “dos outros”, não se percebem pessoas políticas, parte integrante deste país, que como a sociedade, não as enxerga.

A infância, sua escola profissional, dá-lhes uma profissão a partir dos cinco anos. Do guizadinho, das panelinhas, para o fogão-de-lenha e o micro-ondas. Da roça, da enxada, do lavrado, para as salas, os eletro-domésticos, os carpetes.

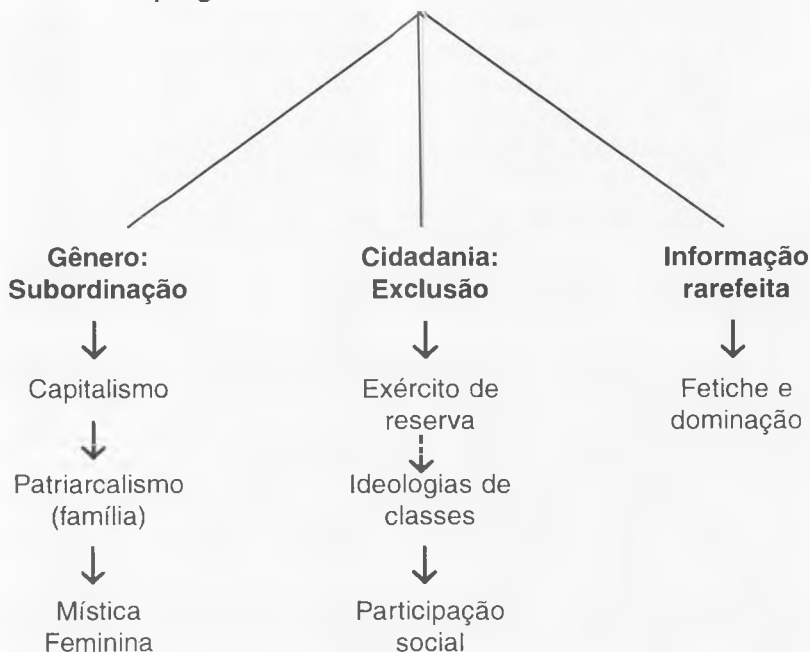
“Eu não tive infância. Só fui ter infância, mais velha, dos treze para cá, quando eu era babá. Aproveitava e brincava ...” (Isabel).

Menina ainda, só conta com ela e o emprego para sobreviver econômica e emocionalmente, E não adianta procurar revolta entre elas. Têm consciência da injustiça social a que estão submetidas mas não esperam mudanças. Têm consciência de que “falta estudo”.

Assim a mulher doméstica, empregada ou não, ocupa uma posição de subordinação que nasce dentro da própria família e é assimilada socialmente. Devido à sua condição de gênero feminino, os caminhos para superar esta subordinação, a exclusão social e a ausência de conhecimentos, parecem mais tortuosos que os traçados para os homens.

Para atingir os objetivos propostos pela pesquisa, estabeleci um tripé tendo na junção dos três conceitos abaixo, a vida destas mulheres trabalhadoras:

Empregadas Domésticas: mulher trabalhadora



Empregadas domésticas: leitura, necessidades, desejos.

Autores como BOSI (1991), PENA (1981), RAGO (1987), NEVES (1983), MEILLASSOUX (1975), BRUSCHINI (1985), RODRIGUES (1978) e muitos outros têm estudado a subordinação a que estão expostas as mulheres no trabalho e socialmente. O gênero que sociologicamente determina os seres como masculino e feminino e uma imagem sócio-cultural, não podendo ser considerada natural para que sozinha explique a divisão do trabalho: o trabalho sendo sexualizado. A mulher trabalhando em dobro (no lar ou fora dele) para ser alguém e sendo considerada trabalho complementar do homem, tornando-se ninguém.

Somente pelo despertar histórico é que este conceito já considerado "natural" pode ser mudado. Entretanto, segundo MEILLASSOUX

(1975) e PENA (1981), as mulheres foram apagadas de nossa história sem terem sequer conseguido atingir a condição de antepassado e, não havendo memória, a mulher em si pouco representa. Mas não é só no conceito sociológico de gênero que a subordinação feminina está implícita.

O capitalismo que assalariou o trabalho doméstico absorveu o patriarcalismo por lhe ser útil: as dóceis mulheres domesticadas servindo ao capital como produtoras, mão de obra barata e desqualificada e reprodutoras, gerando novos trabalhadores ou permitindo com seu trabalho doméstico (nunca computado oficialmente) que outros milhares de trabalhadores cheguem preparados, alimentados, atendendo às necessidades do capital.

É o imaginário social embutido na psiquê feminina e na relação de superioridade masculina reproduzida na família. Esta força mantenedora familiar encoraja a subordinação e promove o desequilíbrio entre seres iguais, sexualizando o trabalho.

À mulher é dado o trabalho descontínuo, desqualificado no lar e fora dele, com inseguras entradas e saídas no mercado formal, levando para o trabalho coletivo, para o espaço profissional, as determinações sociais do seu sexo. "Transferida para o âmbito da fábrica (ou da "casa de família"), a mesma estrutura de dominação que será usada para controlar o seu bom comportamento ... acostumadas a obedecer, a serem submissas à autoridade paterna ou à autoridade do marido. E a própria mulher define como incapaz de comandar, para organizar o trabalho, expressando ideologicamente a situação de dominação, vivida no lar ou na sociedade". NEVES (1983).

Esta missão feminina, representação simbólica do imaginário burguês da mulher frágil e compreensiva, dócil e dedicada, rainha do lar, mas incapaz de uma atitude de comando fora dele, explorando sentimentos afetivos é absorvida pelo sistema capitalista de produção. Por ser incapaz de absorver a mão-de-obra potencial, representada por todos os membros da sociedade, lança mão destes valores familiares, mobilizando um grande contingente de mão-de-obra feminina, desqualificada e por isso quase gratuita.

Difícil compreender o fato das mulheres continuarem a ingressar no mercado de trabalho ocupando profissões que não lhes dão emancipação e crescimento. As próprias empregadas se envergonham de serem domésticas.

É necessário que as mulheres se identifiquem como mulheres. Pertençam ao mundo, à cidade ...

E preciso que se sintam cidadãs, que criem raízes. Nas palavras de MENESES (1987), o homem é o que é num espaço ocupado e não "legado". Ele tem que brotar, criar raízes e é deste enraizamento, deste "pertencer" que ele constrói na memória individual e se interrelaciona, se organiza, criando uma identidade coletiva, tendo a comunicação como suporte.

Não só MENESES (1987) como BENEVIDES (1991), LEFEBVRE (1968), CASTELLS (1991), SADER (1988), BOBBIO (1987), MAGNANI (1984), CHAÚÍ (1981) e muitos outros autores vistos por esta pesquisa têm se preocupado com o homem, ser político, cidadão de um espaço contínuo e não legado, espaço conquistado socialmente. O homem político que diz respeito a pólis, à cidade, ao espaço ocupado por pertencer a ele, governado pelos cidadãos ao realizarem a cidadania. Pertencer à cidade, ter direito à ela. Ter consciência de ser a própria cidade, como diz CASTORIADIS (1986).

"... tornar-se consciente de que a pólis é também você e que seu destino depende também de sua opinião, comportamento e decisões; em outras palavras é a participação na vida política".

Mas é a cidade onde residem os dirigentes e políticos, não a dos cidadãos, que penetra no campo com sua sedução e promessas de crescimento, bem estar e riqueza. Há implosão de estruturas agrárias inteiras e dá-se a explosão das cidades, os grandes centros. Migrante rural, o trabalhador pobre e desqualificado para as funções especializadas, chega aos grande centros perdendo suas raízes, formando ilhas de ruralidade na busca do sonho, do atrativo urbano.

Forma-se o triângulo: migrante, trabalho, favela. E é nesta leva que chegam 95% das empregadas domésticas que foram entrevistadas para este trabalho. Excluídas formam o tripé: migrantes, trabalho, quartinho do fundo, lugar de despejo dos objetos indesejáveis da casa e despejo de um coração que sonha com o crescimento, enquanto cheira à cera e pinho-sol.

A cidade de renda e consumo só se realiza para poucos e deste circuito elas estão excluídas. O capital aí instalado abriga reservas migratórias de mão-de-obra que MARX (1971) chamou de exército industrial de reserva, e que chamaremos de exército de reserva, contingente humano não sendo caracterizado como trabalhadores e sim matéria-prima, usada e absorvida nos momentos de prosperidade econômica e repelida nos momentos de crise, sem caracterizar desemprego, prejudicando assim o exército ativo de trabalhadores.

Também a mulher de classe média abdica do trono de rainha do

lar e vai para as trincheiras do capitalismo numa função de meio-expediente e salário complementar. Livre dos trabalhos domésticos amplia essa massa reserva de trabalho do capital, deixando em seu lugar, trabalhando dez, doze, dezesseis horas, a empregada doméstica, reserva das trincheiras do trabalho do capital e sem direito à coroa.

O exercício da cidadania diante da subordinação constante às normas sociais, não se realiza por inteiro. Assume-se aos pedaços.

A cidade dos dirigentes é a sociedade policrática dos diferentes mandos: manda o Estado, o político, o patrão, o banqueiro, o exército. É o mando masculino. A democracia, princípio de igualdade e participação social que, como diz BOBBIO (1987), só modela a cidadania se for integrada aos costumes e necessidades reais do povo que a constrói, é ação política. O povo excluído não se enxerga como ser capaz de uma ação política. Não é da pólis. É do pedaço. A democracia passa a ser então só uma promessa dos políticos ...

Assim estes grupos não se organizam, não se fazem representar. Parecem desinteressados e apáticos, atrasados ... Mas não é desinteresse e sim desinformação. Não são percebidos e trabalhados em sua individualidade. São massificados. É como se aglomerados em massa adotassem o que HORKHEIMER e ADORNO (1978) chamaram de "alma coletiva" que os faz sentir e pensar como autônomos, destituídos de vontade própria.

E como Hanna Arendt (1989), a principal característica dessa "massa" não é o empacotamento e o atraso, mas a falta de relações sociais normais. Massa, sem relações sociais, o caminho das mulheres para vencer a subordinação e realizar a cidadania ainda é mais difícil que para os homens do restante de nossa sociedade. Parecem passivas ...

A massa está sempre sendo classificada, recebendo terminologias diferentes pelo discurso do especialista social. Já foi o "povo brasileiro" na 1ª República, "classe operária única" no estado getulista, "camadas populares" nos anos 50, "classe operária" nos anos 60 e "classes populares" nos anos 70. Foram tentativas vãs de universalizar o que é particular. Nos anos 80 os cientistas sociais começaram a se dar conta desta individualidade. São diferentes grupos se organizando em diferentes pedaços da cidade, falando por voz própria e não pelo discurso do outro. São atores sociais buscando atendimento às suas necessidades.

Como atores sociais as empregadas domésticas não passam ainda de coadjuvantes. Sem representação social, sem participação social, com um sindicato fraco que só favorece aos patrões, e sobre o

qual elas nem têm informações, sofrem as ondas ideológicas da classe dominante mais que outros profissionais e não conseguem sair da rebentação. Sem participação social não veem no trabalho uma profissão, na casa um lar, não reconhecem o patrão pela mistura de obediência e gratidão. São mulheres sem espaço, sem cidadania, sem textos. Falta-lhes tudo o que elas simplificam numa frase, a mais comum na minha pesquisa: falta estudo.

Em plena era informacional ainda nos debatemos por direitos de conquistas femininas. E sabemos por ARENDT (1989) que só o ser informado e educado pode realizar-se e ocupar o espaço público.

A informação só existe se comunicada. Este conceito foi trabalhado por Ecléa e Alfredo BOSI (1987), FREITAG (1988), MENESES (1987), ARENDT (1989), ANDRADE (1989), MATTA (1979) e MAGNANI (1984), que veem a informação comunicada como resultado de uma ação socializadora que se caracteriza na capacidade dos homens de estabelecerem uma identidade entre si. Essa identidade, como diz BENJAMIM (1980), nasce de uma vivência, se experimental. É semelhança a si próprio a partir de uma condição de vida psíquica e social. Está, como diz MENESES (1987), mais próxima do reconhecimento que do conhecimento. É individual. Ninguém pode buscar a informação pelo outro, nem tirar dele a oportunidade de buscar.

Madalena FREIRE (1983), em seu livro "A paixão de conhecer o mundo" fala disto ao se referir ao crescimento infantil. Diz ela que o ato de conhecer o mundo, de buscar informação, o ato de conhecer é "... tão vital como comer ou dormir e eu não posso comer ou dormir por alguém".

A informação que chega às pessoas através dos meios de comunicação não é a do conhecimento do mundo. É a informação de massa, divulgada pela indústria cultural, que tira das pessoas esta oportunidade individual de busca ao nivelar a todos por baixo; é a informação do submundo do conhecimento. Não é informação verdadeira, é divulgação onde os sujeitos interessados não fazem o reconhecimento por estar distante de sua cognição. Não traz significado que, como diz Ecléa BOSI (1991), manipula ilusões, repete lugares comuns. Não é informação buscada, pelo que FREITAG (1988) chamou de dúvida metódica. É a informação do inatingível, aurática, responsável pelo bloqueio cognitivo. São pedaços de informação que se rarefazem e se esgarçam não sendo reconhecidos. Criam a desconfiança. São doses anestésicas neutralizadoras de conflitos sociais apagando a memória. São como ondas da moda. E não havendo

memória não há identidade. Sem memória o povo parece apático. A memória individual, construída na experiência e alicerçada na memória coletiva de um grupo integrado, é que faz com que este grupo se organize, se reconheça na busca da cidadania.

“...É a memória que funciona como instrumento biológico-cultural da identidade, conservação, desenvolvimento, que torna legível o fluxo dos acontecimento”. MENESES (1987).

Sem relações sociais normais o bloqueio para a obtenção da informação é enorme. O acesso é feito pelo interesse do outro. Pelo discurso competente. É um acesso somente físico: só se está próximo do documento. É o lembrar convertido em esquecimento, é o tempo que parece existir mas que é invadido.

Quando perguntada sobre ter este tempo para leitura, Aparecida, entrevistada por esta pesquisa disse estas palavras:

“Quer dizer, tempo para ler eu tenho e não tenho. É um tempo invadido. Às vezes, já são dez horas da noite, eu estou no meu quarto lendo qualquer coisinha, a minha patroa entra:

– Cida, faz pra mim um cafezinho?...

Ela pede de um jeito que não tem como negar. Aí a leitura vai e fica ...”

A informação que chega até as empregadas é a do fetiche, do consumo, da sedução que domina e que legitima ao outro o poder da leitura. E é neste reconhecimento do poder do outro que muitas mulheres entrevistadas por esta pesquisa, quando perguntadas pela melhor fonte de informação citaram o patrão.

Maria de Fátima, outra entrevistada quando perguntada onde buscar informação importante citou o patrão com estas palavras: “Meu patrão, porque ele é uma pessoa muito esclarecida. Uma pessoa de comunicação muito fácil ... Ele é engenheiro civil ...”

É a informação da voz de veludo que seduz e domina: informação de mercadoria que só quem pode, adquire.

Leitura, necessidade, desejo.

Segundo HATT (1976), para se tornar um leitor efetivo e atender assim às suas necessidades de informação, quatro fatores são imprescindíveis:

- a) Ser alfabetizado (as empregadas domésticas analisadas por esta pesquisa, são);
- b) Ter acesso ao material de leitura (100% das empregadas afir-

mam na pesquisa que a família empregadora permite o uso de todos os canais, possibilitando o acesso à informação);

Mas na verdade as leituras citadas demonstram não ser uma escolha e sim a leitura do que está mais próximo: a leitura do patrão: "Eu leio a Marie Claire, tão chic, que a minha patroa assina".

Se mudar o emprego, muda-se o patrão e as leituras. Não há escolha. O acesso ao documento é apenas físico. Natalina, uma empregada pesquisada, é um exemplo disto. Há 60 anos trabalhando em casa de um juiz de direito, entre livros e revistas, só lê a Bíblia. É um exemplo de que o acesso ao conhecimento só existe se identificado, se vivenciado, cristalizando na memória. Ela, sem leitura, é pianista. Conhecimento adquirido aos 8 anos de vivência numa família de músicos. O acesso à música foi feito por experiências sociais concretas. Nem 60 anos de trabalhos domésticos, sem férias, apagou a sua memória musical, tanto assim que aos 68 anos, tocando por partituras ela retoma, agora que aposentada, suas aulas de piano.

HATT aponta o 3º elemento que conduz à efetivação de um leitor:

c) Ter tempo para a leitura;

Como já vimos o tempo que aparentemente existe, é um tempo invadido. Além do mais a pesquisa constatou que este tempo é consumido pelo trabalho desde o início da infância (algumas começaram a trabalhar aos 5 anos de idade) e é consumido diariamente pelas horas extensas de trabalho (10 a 16 horas por dia) além das interferências nos momentos de repouso.

A pesquisa comprova que o tempo é raro e não dá chances de elaborar experiências cognitivas desde a infância. O trabalho é o tempo, a infância, o brinquedo.

45% das entrevistas desta pesquisa ingressaram na profissão de doméstica antes dos dez anos, e 70% antes dos doze anos de idade.

O quarto aspecto levantado por HATT é:

d) Ter interesse, curiosidade e ambiente adequado.

O quartinho do fundo, destinado às empregadas domésticas não favorece a leitura. O interesse existe. Foi provado pelos dados da pesquisa e é bem maior que as chances oferecidas na realização destes interesses. O patrão permite a leitura, mas não estimula. A nossa sociedade em seu interesse próprio, não cobra competência, experiência.

As empregadas domésticas pesquisadas demonstraram que, mais que atendimento das necessidades de sobrevivência, elas têm o desejo de crescimento: ter estudo, uma profissão melhor. Necessi-

dade de auto-conhecimento, de independência. São desejos às vezes guardados, nem sempre proferidos. O nível de consciência destas mulheres na busca de suas necessidades é maior do que socialmente idealizamos sobre elas.

Simone de BEAUVOIR (1949) diz que as mulheres deixarão de ser um sexo perdido, direcionando suas próprias vidas, somente pelo trabalho. Luzia, uma das empregadas tem consciência disto. Liberando da mística feminina ela se expressa tão bem quanto a feminista francesa.

"Eu via a vida como uma escada imensa, que não ia chegar. Desanimava de pensar ... Cheguei, estou chegando com o trabalho. O trabalho são os degraus ..."

Elas têm desejos de respeito e de direito à uma profissão. Só têm dificuldade pelo bloqueio social, pelo capitalismo dito avançado que não permite o atendimento de suas necessidades efetivando-as como leitoras.

Esta pesquisa concluiu que a sociedade não parece pretender qualificar esta mão-de-obra, forma mais simples e barata de excluí-la. Nossa sociedade é excludente: exclui velhos e crianças, mulheres e homens pela pobreza econômica e intelectual. Mesmo assalariando estas mulheres, o capitalismo não permitiu que sua identidade doméstica se perdesse. Espera-se delas uma mística feminina da qual as empregadas domésticas começam a se libertar pela auto-sobrevivência, pelo trabalho. É um grande valor construir esta liberdade a partir de um salário mínimo. Para vencer o bloqueio da subordinação e exclusão social é preciso mais do que o desejo das mulheres, é preciso uma sociedade democrática que se interesse por elas.

Como profissionais da informação podemos contribuir para um melhor equilíbrio social, diminuindo a pobreza informacional. Muitos estudos podem ser feitos com diferentes grupos sociais. São muitas as profissões sem textos neste país. Não nos cabe a solução da educação, mas a permanência e o desenvolvimento desta. Devemos criar mais serviços de extensão e, em cada pedaço da cidade, mais centros de informação levando textos providos de significado, selecionados a partir da necessidade destes diferentes atores.

A construção da democracia coloca desafios para todos que estão comprometidos com ela. Os cientistas da informação devem buscar novos palcos, novos atores e entregar-lhes os melhores textos.

A survey on domestic servants' need of information and reading

Examines the role of informational poverty in the lives of women who works as domestic servants, whether unionized or not. In what ways does this information influence their oppression and social exclusion. Information access is analysed through reading and other channels as well as its possibilities be inhibited by factors such as oppression, gender and social exclusion.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Ana Maria Cardoso de. *Um novo texto no contexto da informação popular: os centros de documentação e comunicação*. São Paulo: USP, 1989. 202p. Tese (Doutor em Ciência da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 1989.
- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989. 338 p.
- BEAUVOIR, Simone de. *Le deuxième sexe: les faits et les mythes*. 92. ed. Paris: Gallimard, 1949. 395 p.
- BENEVIDES, Maria Vitória de Mesquita. *A cidadania ativa: referendo, plebiscito e iniciativa popular*. São Paulo: Ática 1991. 208 p.
- BENJAMIM, Walter et al. *Textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. 343 p. (Os pensadores).
- BOBBIO, Norberto. *O futuro da democracia: uma defesa das regras do jogo*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987. 171 p.
- BOSI, Alfredo (Org). *Cultura brasileira: temas e situações*. São Paulo: Ática, 1987. Cap. 1. p. 7-15: Plural, mas não caótico.
- BOSI, Ecléa. *Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
- BRUSCHINI, Cristina. *Mulher e trabalho: uma avaliação da década da mulher*. São Paulo: Nobel, 1985. 147 p.
- CARDOSO, Fernando Henrique. Problemas de mudança social, outra vez? *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, v. 16, p. 54-61, dez. 1986.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. 418 p.
- CHAUÍ, Marilena. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. São Paulo: Moderna, 1981. 220 p.
- FREIRE, Madalena. *A paixão de conhecer o mundo*. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1983. 123 p.
- FREITAG, Bárbara. *Diário de uma alfabetizadora*. Campinas: Papyrus, 1988. 224 p.

- HATT, Frank. *The reading process: a framework for analysis and description*. London: Clive Bingley, 1976. 124 p.
- HORKHEIMER, Max, ADORNO, Theodor W. *Temas básicos da sociologia*. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 1978. Cap. 5, p. 78-92: A massa.
- *Le droit a la ville*. Paris: Antropos, 1968. 135 p.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade de São Paulo*: Brasiliense, 1984. 224 p.
- MARX, Karl. *O Capital: crítica à economia política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971. 579 p. v. 1.
- MATTA, Roberto da. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. 272 p.
- MEILLASSOUX, Claude. *Femmes, greniers et capitaux*. Paris: Maspéro, 1975. 271 p.
- MENESES, Ulpiano Bezerra. Identidade cultural e arqueologia. In: BOSI, Alfredo (Org). *Cultura brasileira: temas e situações*. São Paulo: Ática, 1987. Cap. 12. p. 182-190.
- NEVES, Magda Maria Bello de Almeida. *Condição feminina, condição operária: um estudo de caso sobre operários têxteis*. Belo Horizonte: UFMG, 1983. 157 p. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Departamento de Ciência Política, Universidade Federal de Minas Gerais, 1983.
- PENA, Maria Valéria Junho. *Mulheres e trabalhadoras: presença feminina na constituição de sistema fabril*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. 227 p.
- RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 209 p.
- RODRIGUES, Arackcy Martins. *Operário, operária: estudo exploratório sobre operariado industrial da Grande São Paulo*: Símbolo, 1978. 143 p.
- SADER, Eder. *Quando novos personagens entram em cena*. São Paulo: Paz e Terra, 1988. 329 p.
- SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1979. 383 p.